

UM ESTUDO INVESTIGATIVO DA CHAPADA DIAMANTINA

Elson Araújo da Nobrega (1); Rizzardo Roderico Pessoa Queiroz de Rodrigues Góis (4)

(1 – Universidade Grendal do Brasil (Unigrendal))

(4 – Instituto Federal de Educação do Rio Grande do Norte (IFRN));

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo apresentar uma revisão de literatura sobre o tema Um Estudo Investigativo da Chapada Diamantina, possibilitando aos defensores do meio ambiente, amantes do turismo, historiadores e demais profissionais que tenham interesse no meio ambiente sustentável, a possibilidade de conhecer um pouco mais sobre esse local tão belo, que está situado no sudeste da Bahia e Nordeste de Minas Gerais. Atualmente a Chapada Diamantina atrai durante o ano milhares de pessoas de todo mundo para conhecê-la e apreciar uma beleza natural única, que engloba lindas cachoeiras, Cidades Históricas como Iguatu, e apresenta resquícios da época do auge da mineração, possibilitando a observação de ótimas paisagens conferindo uma possibilidade única de sintonia com a natureza. Os procedimentos de pesquisa seguiram a revisão do tipo narrativa, que não pretende esgotar o assunto, mas verificar como o tema surge no escopo literário do contexto histórico da mineração e do desenvolvimento do Turismo. O problema que esta pesquisa tentará responder se encontra assim levantado: A Chapada Diamantina está tendo seu ecoturismo explorado da maneira correta? Existem políticas Públicas adequadas no sentido de viabilizar o turismo e estimular a sua divulgação bem como orientações aos turistas no sentido de preservar a área e explorar da maneira correta? Alguns autores já realizaram pesquisas com o objetivo de investigar este tema, e um dele foi o ilustre Professor Doutor Ricardo Fraga de Araújo, e de trabalhos como o do referido autor se pretende extrair referenciais bibliográficos que possam guiar este trabalho a um resultado proveitoso aos olhares holísticos dos amantes do meio ambiente e Educação.

Palavras-chave: Brasil, Briosó, Chapada, Diamantina.

INTRODUÇÃO

Nas primeiras décadas do século XIX a descoberta de diamantes sacudiu a então província e inúmeros acampamentos de garimpeiros se formaram nas bordas daquele território que após algum tempo seria batizado de Chapada Diamantina. A cidade de Lençóis nasceu de um desses acampamentos, que fica distante a pouco mais de 400 quilômetros de Salvador, e esta majestosa cidade não demorou a brilhar como centro comercial e de garimpo. Um local belo que sua paisagem repleta de cachoeiras e rios que escoam suas águas por formações rochosas fez nascer ali a Chapada Diamantina. Não demorou muito para que houvesse um declínio e a febre do Eldorado passasse, mas Lençóis conseguiu reter uma parte considerável da riqueza arquitetônica que se acumulou nos tempos de fartura.

A economia local entrou em um declínio lento, mas isso não impediu Lençóis de reter uma riqueza arquitetônica de dar inveja a muitos centros urbanos e podemos destacar: casas; igrejas; mercados; e outras relíquias. Devido a edificação desse patrimônio a Cidade entrou na rota turística e o seu principal atrativo é a exuberância da chapada de diamantina, um paraíso de clima ameno, repleto de belíssimas cachoeiras, lindo rios que oferecem aos nativos e turistas as belezas de seus leitos e os belos caminhos que conduzem a lugares que espantam pela beleza de suas paisagens e alguns que o suspense e as histórias que lhes confere um tom de ocultismo.

De acordo com (Brito, 2005), a Chapada Diamantina constitui-se em um dos principais destinos eco turísticos do Brasil, pois seu potencial para o desenvolvimento de atividades de turismo de natureza já estão franco desenvolvimento. Os principais atrativos naturais da região estão na geodiversidade, como por exemplo, cavernas, morros, vales e cachoeiras. Todavia, a região ainda possui carência de trabalhos de interpretação, valorização e divulgação destes elementos do meio físico.

A justificativa deste trabalho se dá pela importância cultural, social, ecológica, arqueológica e turística da região chamada de Chapada de Diamantina. Existem inúmeros trabalhos acadêmicos que tratam a respeito da Mineração e do Turismo no Município de Lençóis, mas a importância deste local magnífico talvez não esteja no que já foi explorado, ou no turismo, a Chapada de Diamantina tem muito a ser estudada e pesquisada e este trabalho vai mediante uma abordagem exploratória revelar fatos que talvez pudessem ser estudados em trabalhos mais específicos.

De acordo com Ana Rita Sabba a Chapada de Diamantina possui uma forte tendência ao Turismo Ecológico e Místico. Cachoeira como a cachoeira da Fumaça, uma das maiores do Brasil, e inúmeros paredões possibilitam aos turistas paisagens exóticas e exuberantes. São comuns relatos de moradores sobre óvnis.

O objetivo central deste trabalho é descrever os aspectos mais relevantes no tocante a mineração, turismo e ocultismo na Chapada Diamantina para responder as hipóteses: como está sendo explorada a Chapada Diamantina? As políticas Públicas no Sentido de estimular a divulgação de sua exuberante riqueza natural estão adequadas? Seus objetivos específicos serão: analisar as consequências da mineração; Investigar as consequências do turismo na região; Interpretar as consequências da expansão do turismo na região.

METODOLOGIA

Mediante uma pesquisa descritiva será realizada uma análise, registro e a interpretação dos fatos que envolveram a Chapada Diamantina da Mineração até a atualidade, passando por um período áureo, até a decadência da mineração e chegada turismo e dias atuais.

Gil (1999) destaca que a pesquisa descritiva tem como principal objetivo descrever características de determinada população, fenômeno, ou estabelecimento de relações entre as variáveis. É possível inferir que a pesquisa descritiva pode ser considerada um estudo intermediário entre a pesquisa exploratória e explicativa, não sendo tão preliminar como a primeira e nem tão aprofundada quanto a segunda e nesse contexto significa identificar, relatar, comparar, entre outros aspectos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Origem da Mineração e seu Ostracismo

No século XVII, uma parte dos colonizadores seguiu a borda direita do rio em direção à nascente do São Francisco. Em 1663, a margem baiana do rio São Francisco já estava ocupada por gado. Um destes grupos os Guedes de Brito subiram o rio levando seus rebanhos até o interior de Minas Gerais. Assim foi, o início da ocupação do espaço de um dos locais mais exuberantes Chapada Diamantina. A partir daí iniciou-se a exploração da pecuária, com expansão das fazendas de gado do Morgado de Guedes de Brito da Casa da Ponte.

O Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia, Ipac-BA, possui em seus registros que, após o domínio dos Maracás, em 1673, pelo bandeirante Paulista Estevam Ribeiro Baião Parente, por solicitação do Governo da Província, foi imediatamente iniciada a distribuição de terras na faixa situada à leste da Chapada Diamantina, desde Maracás até a Serra do Orobó. Na última década do século XVII, toda a Bacia do Paraguaçu estava doada para os proprietários privados, inclusive a zona de Lençóis. Fechava-se um cinturão de colonização em torno da Chapada Diamantina sem, no entanto, desbravá-la. De acordo com o historiador Caio Prado Júnior.

[...] à medida que se conquistava ao íncola suas terras, garantia-se a ocupação das mesmas com os currais de gado, ocupação esta que embora

rala e cheia de lacunas, não deixou de representar papel dos mais salientes, senão o mais importante, na posse efetiva da maior parte do nosso atual território (1948, vol. I, p. 182)

Imensas fazendas ocuparam, gradualmente, vales de rios e os planaltos, até que a mineração se firmasse em pequenas glebas, com lavras e atividades de abastecimento das minas policultura agrícola e pecuária desenvolvendo atividades comerciais intra e inter-regionais. No século seguinte teve início o ciclo do ouro, a partir das descobertas auríferas nos rios Itapicuru, de Contas e Paramirim, estendendo se pela margem esquerda do rio São Francisco, sendo elas responsáveis pela atração de intenso fluxo migratório da própria Bahia, Pernambuco, Minas Gerais e São Paulo, além da fundação e realocação de numerosas vilas, criação de Casas de Fundição, e etc. Este ciclo perdurou por quase um século na região, propiciando já no século XVIII os frutos para à Coroa Portuguesa com envio de riquezas, e contribuindo para a ocupação e colonização da Chapada Diamantina.

No inventário de proteção ao acervo cultural da Bahia (IPAC, 1997, p. 13) está registrado que a descoberta do ouro ocorreu nos últimos anos do século XVII, no interior do país, esse fato inaugurou um novo ciclo econômico no Brasil e foi o fator decisivo na ocupação de seu interior. A riqueza mineral brotava da Cordilheira do Espinhaço que corre paralela ao Atlântico, do centro de Minas Gerais até o Norte da Bahia. O Brasil era entre 1690 e 1770 o maior fornecedor mundial de ouro e diamantes. Mais de 44% do ouro produzido, nesta época, eram brasileiros, isso fez a exploração aumentar astronomicamente e como nenhum recurso natural por mais abundante que seja é eterno, o ouro e os diamantes salientes a ganância humana haveriam de acabar.

O ouro brasileiro mudou o curso da história da Europa. O acordo firmado no tratado de Methuen, de 1703, obrigava Portugal a desativar suas manufaturas, inclusive a nascente indústria têxtil, em troca de os ingleses consumirem sua produção de vinho. Por força deste tratado foram para a Inglaterra, via Portugal, aproximadamente 120.000.000 de libras de ouro brasileiro, que serviram para financiar a Revolução Industrial e fazer da Inglaterra uma potência mundial no século XIX. O desenvolvimento de Portugal, no século XVIII, deve-se também ao ouro e diamantes brasileiros.

A mineração de ouro na Chapada Diamantina serviu para desenvolver outras regiões ao redor como o Vale do São Francisco e a Serra Geral que era utilizada por seus criatórios de gado e lavouras de subsistência que abasteciam as lavras e seus centros de fundição e cambio.

A Serra Geral já era ocupada, desde meados do século XVII, pelos currais de Antônio Guedes de Brito, que foi fundador da Casa da Ponte, porém a criação extensiva de gado não propiciou o aparecimento de aglomerados urbanos importantes, por não exigir estrutura e ter grande fluxo de colonos. Este fato só se concretizou com o fluxo e refluxo de garimpeiros que teve início no século XVIII, entre a Chapada Diamantina e as lavras de Minas Gerais, em decorrência da descoberta do ouro baiano.

A Cidade de Caetité, situada à margem da mais importante estrada que ligava estas duas regiões, tornou-se um ponto de parada obrigatória. Mais tarde, ali foi descoberto ouro e até diamantes. Com o declínio da produção aurífera e o esgotamento do ouro de aluvião, um processo se estrutura com o ciclo dos diamantes, no entanto durou apenas 26 anos.

Este novo ciclo de mineração foi o responsável pelo aparecimento de uma nova geração de assentamentos humanos na região. A partir de Mucugê, a lavra de diamantes expandiu-se para o sul, chegando ao Vale do Rio de Contas dando novo alento as vilas Barra da Estiva, Rio de Contas e Caetité, e no norte, criando novos povoados como Xique-Xique (Atual Cidade de Iguatu), Andaraí e Lençóis entre outras, até atingir o Morro do Chapéu, definindo-se, assim, a região que passou a ser conhecida como Chapada Diamantina.

A falta de acomodações e o comportamento itinerante dos garimpeiros fez com que grutas naturais se transformassem em habitações, e famílias inteiras vivessem durante muito tempo em barracas de pano. No ano de 1845, foram descobertos os ricos garimpos no rio Lençóis, que imediatamente despertou o interesse dos compradores de diamantes, que estavam instalados em Mucugê.

Em poucos anos o arraial foi se transformar na Vila comercial de Lençóis, devido a instalação de grandes comerciantes, que faziam transações diretamente com mercadores franceses, ingleses e alemães. A partir da descoberta dos diamantes a variação e a rapidez que o processo de ocupação, e de alteração de espaço se apresenta no contraforte da serra do Sincorá, onde fica localizada a cidade de Lençóis, ao tempo que novas formas arquitetônicas emergiram para atender necessidades de produção e consumo do período.

Segundo Teixeira, (1998; 92) a justa ideia da importância da cidade de Lençóis no ciclo do diamante se perfaz da seguinte forma: Nas primeiras décadas do século XIX se deu início a busca incessantes por diamantes e a região conhecida como Chapada Diamantina tornou –se a capital dos diamantes. As correntes migratórias de garimpeiros do norte de Minas, comerciantes de todos locais, aventureiros, senhores de engenho e escravos fizeram o

povoado crescer e dar origem a Cidade de Lençóis. De um lado o grupo dominante imprimia suas marcas na arquitetura dos sobrados, nos refinamentos dos saraus, onde as sinhazinhas exibiam as últimas modas da Europa, por outro lado, a cultura do garimpeiro se perpetuava no habitat, seus hábitos, crenças e tradições.

A arquitetura vernácula da região, constituída por “locas” ou “tocas” (Figura 02) e ranchos de alvenaria de pedra seca (Figura 03), recobertos por palha de pindoba. Estes dois tipos de habitação estão entre os mais primitivos existentes no país que não são de origem indígena. O primeiro é um tipo de habitação rupestre do mesmo gênero das habitações trogloditas encontradas na Ásia, Europa e América do Norte, embora as nossas datem da segunda metade do século XIX. As “locas” ou “tocas” da Chapada de Diamantina são grutas naturais que sofreram alguma modificação e foram transformadas em habitações temporárias, à margem dos garimpos. (IPAC, 1997).

Transcorrida uma fase de quase um quarto de século, período entre 1845 a 1871, foi suficiente para constituir uma nova organização espacial na Chapada Diamantina e concentrar grandes fortunas para uma aristocracia sertaneja, o ciclo do diamante entra em declínio com a concorrência das jazidas sul-africanas, descobertas em 1865.

O início dos trabalhos para construção do Canal do Panamá em 1880 provoca uma repentina valorização do carbonado, que é utilizado na fabricação de brocas para perfurar as rochas, fazendo seu preço praticamente se igualar ao do diamante bruto, promovendo a retomada momentânea do desenvolvimento, mas é a partir daí que a Chapada começa a viver um período de estagnação econômica com a chegada fim do ciclo do diamante. Teixeira, (1998; Pag. 92) traz a seguinte ideia da importância da cidade de Lençóis no ciclo do diamante:

Lençóis, à margem da velha estrada, em demanda do São Francisco, funcionou pela facilidade de tais acessos como a capital do diamante. Lá, a lapidação e o comércio foram atividades exercitadas como num grande centro de mineração que aquela vila, depois cidade, efetivamente foi. Não era raro encontrar garimpeiros que mal articulavam o português, aprendido sem qualquer escolaridade, discutindo nuances contratuais com experientes compradores e lapidadores de Paris ou de Amsterdã. Ali, inclusive, desenvolveu-se um núcleo urbano que pode ser usado, por sua especificidade, como típico da “Arquitetura da Mineração dos séculos XIX e XX, na Bahia”.

Em meados do século XX Lençóis passou por uma forte crise econômica devido à grande procura de diamantes, o que ocasionou no esgotamento de sua exploração. As atividades nos garimpos tiveram fim em 1994 e a partir disso foi descoberta outra forma de riqueza na região que vem ganhando espaço até os dias atuais, que é o Turismo. Foi criado o Parque Nacional da Chapada Diamantina e em 1973 a cidade de Lençóis foi tombada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Artístico Nacional) como Patrimônio Nacional. A partir daí o turismo passou a ser a principal forma de renda da região da Chapada Diamantina.

Surgimento do Turismo e seu Desenvolvimento

Entre o final do século XIX e início do século XX, a Chapada Diamantina foi palco de práticas intensivas de garimpo de ouro e diamantes. Após este período, a produção de diamante e ouro na Chapada Diamantina entrou em decadência, passando por uma longa fase que pode ser considerada como ostracismo que só viria a ser superada segundo Ricardo Galeno (2010) *“a partir dos anos 80, do século XX, quando o turismo e a agricultura irrigada trouxeram um novo alento para aquela região”*. Atualmente o turismo representa uma atividade relevante para a economia da chapada, e a sua bela geodiversidade constitui o cargo chefe para atrair turistas de todos lugares.

Existem pesquisas sobre a chapada de diamantina em específico o município de Lençóis em diversos trabalhos científicos sobre o tema Turismo, Lima, 1997; Leone, 2001; Léda, 2003; Brito, 2005, atestam a condição favorável de destino turístico. São atrativos que compõem uma oferta diferencial para o ecoturismo, segmento turístico que se insere no cenário mundial não só na condição de estímulo a atividade econômica, mas, principalmente como um fator para o desenvolvimento urbano.

Foi sobre o cenário construído pelo ciclo do diamante e as belezas do município de Lençóis que o Governo do Estado criou o programa de implantação do turismo na região. Os primeiros sinais de um novo rumo para Lençóis surgiram na década de 60, mais precisamente em 1962 quando foi criado o Conselho Municipal de Turismo de Lençóis que visou com a exploração da atividade turística, adotar iniciativas que mobilizaram a sociedade em reação à decadência provocada pelo declínio do garimpo.

Carvalho (2008) realizou a modelagem espacial do potencial turístico de antigas trilhas garimpeiras na Vila de Iguatu, no âmbito de uma dissertação de mestrado, no intuito de promover alternativas sustentáveis de desenvolvimento para a comunidade, com base no ecoturismo. Apesar de todo aparato para receber os turistas a região ainda é carente de

trabalhos de interpretação, valorização e divulgação destes elementos do meio natural. Sendo assim, essa modalidade de turismo não pode ser denominada como Geoturismo, e a geoconservação ainda não é uma realidade amplamente difundida na Chapada Diamantina. Apesar do uso intensivo de alguns geossítios, a conservação destes locais ainda representa um conjunto de ações pontuais e isoladas, que emanam muitas vezes dos moradores locais, na maioria os guias de turismo que exploram estes locais como atrativos turísticos.

É importante ressaltar que as finalidades e a importância da geoconservação estão muito além de estimular o Geoturismo, uma vez que o seu foco maior é a conservação do patrimônio geológico, que muitas vezes pode não apresentar qualquer apelo turístico, porém vem a ser dotado de relevância didática ou científica, que em uma abordagem holística justifica a sua conservação e preservação. De acordo com Ricardo Galeno:

A geoconservação e o geoturismo deverão contribuir para a implementação dos vetores: consolidação do turismo e mineração sustentável, que aparecem listados na tabela supramencionada, incorporando-se como uma linha adicional de ação, ou agregando valor na atividade turística em curso, podendo ainda contribuir na busca de um caminho para o exercício de práticas sustentáveis de mineração. Os produtos e processos desta última atividade poderão ser incorporados como produtos geoturísticos, desde que não estejam a depreciar o patrimônio geológico e estejam devidamente certificados. (2010, pag. 84).

Segundo as palavras de Brito (2005), com a chegada da decadência da atividade mineira, o então prefeito da cidade de Lençóis, Olímpio Barbosa Filho, viu no turismo uma alternativa econômica para aquele município, e então criou um Conselho Municipal de Turismo no ano de 1961. Este mesmo prefeito, na busca de alternativas, optou por inscrever o município no programa de cooperação do governo americano dos Corpos da Paz (Peace Corps). Em função da atuação de membros do Corpo de Paz, foi criada uma forte mobilização social na cidade, que culminou com o tombamento da cidade de Lençóis pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN (atual IPHAN), no ano de 1973, e então a Cidade de Lençóis passa a ser chamada de Cidade Monumento Histórico Nacional, em função do patrimônio arquitetônico ali existente.

Naquele período, a região ainda era dotada de estradas precárias e o tombamento por si só não foi capaz de assegurar a proteção do patrimônio arquitetônico necessitando de mais

investimento. Nos anos 80, seguindo a tendência mundial de crescimento dos movimentos ambientalistas, surgiu na região o movimento SOS Chapada Diamantina, que desenvolvia trabalhos e ações chamando a atenção dos turistas para os problemas ambientais locais.

Foi nessa época que chega também à cidade de Lençóis um novo membro dos Corpos da Paz, que era especialista em fito fisiologia e que tinha familiaridade com a política dos parques nacionais americanos, este cidadão ficou encantado com as belezas naturais ali encontradas, passando a fomentar a criação de um parque na região.

Após estes fatos no mês de setembro do ano de 1985, foi criado o Parque Nacional da Chapada Diamantina, cujos limites estão intimamente vinculados com os limites geográficos da formação geomorfológica da Serra do Sincorá. Este parque consiste na primeira Unidade de Conservação criada na Chapada Diamantina, mas logo a seguir, em novembro de 1985, foi criada para proteger em nível Estadual, a Área de Proteção Ambiental (APA) Gruta dos Brejões.

A consagração da atividade turística nas cercanias da cidade de Lençóis veio com a criação do Parque Nacional, que passou a contar com uma série de investimentos governamentais, através do Programa de Desenvolvimento Turístico do Nordeste – PRODETUR – NE. O programa tinha os objetivos de contribuir para o desenvolvimento socioeconômico do Nordeste brasileiro, por meio do desenvolvimento da atividade turística.

Em específico, o programa contemplou iniciativas do setor público na infraestrutura básica e desenvolvimento institucional, voltadas tanto para a melhoria das condições de vida das populações beneficiadas, quanto para a atração de investimentos do setor privado, ligados ao turismo. A partir destes fatos, a cidade de Lençóis começou a deter uma maior infraestrutura turística, se destacando das demais cidades da região, o que fez com que toda a atividade turística ficasse direcionada e se concentrasse naquele município, mesmo os atrativos naturais estando distribuídos por diversas cidades da região. Esta situação acabou acirrando rivalidades entre os demais municípios que, apesar de possuírem muitos dos atrativos dentro dos seus limites, nada ganham com a atividade turística pelo fato dos turistas optarem por se alojarem no município de Lençóis.

Nos dias atuais, passados mais de 30 anos após a criação do Parque Nacional da Chapada Diamantina, o mesmo ainda continua com uma série de dificuldades e ainda não se configura como uma área protegida devidamente implementada, permitindo ainda que

ocorram desmatamentos e atividades prejudiciais a conservação da exuberância de um lugar que encanta com sua beleza.

CONCLUSÃO

Foi descrito neste trabalho uma parte da História da Chapada através de análise dos fatos, registro e a interpretação dos fatos que envolveram a Chapada Diamantina da Mineração até a atualidade. Uma conclusão sumária é que mesmo após mais de 30 anos da criação do Parque ainda não há um consenso dos Gestores em relação a proteção ambiental e conservação, porém as pessoas que ali vivem possuem consciência da preservação e sempre é visto nas trilhas e nos locais cada pessoa recolhendo seu lixo e levando-o de volta para seu mundo urbano.

Lençóis é o polo turístico municipal da Chapada Diamantina e tem uma acolhedora estrutura física e pessoal que calorosamente recebe os turistas. Alguns lugares o acesso é complicado, pois a presença do homem ainda não tirou a magia de se conquistar uma bela vista, outros como o Monte do Pai Inácio, amplamente frequentado, de um frio aconchegante de lembrar a região sul na primavera trazem a todos que tem disposição para subir uma das mais belas vistas do Brasil nos seus cerca de 1200 metros de altitude. A cachoeira da fumaça, uma das mais altas quedas de água do Brasil espanta de tanta beleza, mas as águas geladas do sossego acalmam a qualquer um.

Por fim, descrever a Chapada Diamantina não foi fácil, pois todo tempo dava vontade de estar lá contemplando aquele lugar maravilhoso, que além de sua beleza exterior, trouxe consigo a beleza das pedras preciosas que serviram para embelezar uma Europa de exploradores e com suas belezas naturais dar prazer a vida dos que sabem admirar o que nosso planeta tem de mais precioso, que é esta magnífica natureza.

REFERÊNCIAS:

BARROS, Aidil J. da S.; LEHFELD, Neide Aparecida de S. **Fundamentos de metodologia científica**. 3ª ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

BRITO, F. E. M. **Os ecos contraditórios do turismo na Chapada Diamantina**. Ed. EDUFBA. Salvador-Bahia/Brasil, p. 418, 2005.

CARVALHO, H. D.S. de. **Modelagem Espacial do Potencial Turístico de antigas Trilhas Garimpeiras na Vila de Iguatu, Chapada Diamantina-BA**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Feira de Santana- Departamento de Ciências Exatas, Área de

Geociências, Curso de Mestrado em Modelagem em Ciências da Terra e do Ambiente. p.204, 2008.

GALENO Fraga, Ricardo. **Geoconservação e Desenvolvimento Sustentável na Chapada Diamantina (Bahia - Brasil)** – Tese de Doutorado, Universidade do Minho (Portugal), p.6, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

IPAC-BAHIA: **Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia; monumentos e sítios da Serra Geral e Chapada Diamantina**. 2ª ed. v. quatro. Salvador, 1997.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo, vol.I, p. 182, 1948.

SANTOS, Lílíam Margarida Andrade, **Do diamante ao turismo, o espaço produzido no município de Lençóis – BA**, Salvador, 2006.

TEIXEIRA, Cid. Silva Filho, Rubens Antonio. Vasconcellos, Helio Gamalho. **Mineração na Bahia. Ciclos Históricos e Panorama Atual**. Salvador: Superintendência de Geologia e Recursos Minerais, 1998.